

ARQUITETURA DE CACOS

ENSAIO TEÓRICO E PRÁTICO SOBRE A SUPERAÇÃO DA IDEIA DE TIPOLOGIA NA ARQUITETURA.

INTRODUÇÃO

Atualmente, nos encontramos em um período de profundas transformações, em um mundo completamente dominado pelo capitalismo e pelas tecnologias da informação e comunicação. Isto vem se refletindo vigorosamente nos nossos modos de produção, na construção e desconstrução de valores, individuais e sociais, assim como na arquitetura que está sempre presente, veiculando a atividade humana, concedendo ou limitando possibilidades às pessoas no exercício cotidiano da cidadania.

Segundo MONTANER (2017), o trabalho dos arquitetos consiste essencialmente em prever formas, novas ou retomadas, transformando solicitações funcionais, sociais, simbólicas e contextuais em um projeto que por fim se materializa. Ainda segundo ele, para projetar é preciso ter o máximo possível de conhecimento da realidade e do contexto em que se atua, levando em conta os possíveis usos e experiências das pessoas.

No entanto, na prática, edifícios têm sido projetados e materializados seguindo gradualmente modelos e tipos de uma lógica capitalista excludente que sobrepõe critérios técnicos e instrumentais aos humanos e culturais; impõe a primazia da rentabilidade, do espaço privado excessivamente reservado e fechado à eventualidade do entorno, contribuindo assim, de maneira contundente, para a formação de espaços que não possuem condições sustentáveis à vida nos âmbitos externos às edificações.

Diante disso, a humanidade se encontra frente a uma crise social, ambiental e energética que coloca em cheque a visão idealizada de um progresso sem limites, da possibilidade de se explorar recursos naturais supostamente inesgotáveis e da efetividade de soluções únicas e universais que não atendem a realidade fragmentária e diversa das situações e contextos socioespaciais.

A Avaliação Ecosistêmica do Milênio (AEM, 2005) mostra que a conquista dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) depende dos serviços proporcionados pelo sistema natural (solo, clima, hidrografia, vegetação, fauna, flora, etc.). No entanto, a atividade antrópica no planeta tem impactado cada vez mais o desempenho desse sistema, prejudicando o andamento de processos naturais que fornecem à humanidade todos os recursos para o seu desenvolvimento e que, portanto, sabe-se cada vez mais que é necessário reforçar o vínculo entre a natureza e o homem.

Por tudo isso, este trabalho surge com o **objetivo geral** de discutir a sustentabilidade, em sua condição fragmentária e social, e a superação da ideia rígida de tipologia na arquitetura. Ao invés de uma maneira dualista de pensar a arquitetura, o que resulta numa ideia inflexível, fechada às possibilidades de transformação, onde se prima pelas relações forma-função e sujeito-objeto; este trabalho volta-se para uma maneira plural e relacional de concepção arquitetônica, para uma arquitetura da ação, que concede possibilidades de atividades coletivas e de transformar-se com o tempo, de acordo com as solicitações do contexto na qual está inserida.

Inclui-se também alguns **objetivos específicos** pertinentes ao trabalho como realizar ensaios práticos de arquitetura no centro de Aracaju/SE; analisar o pensamento tipológico e a diversidade do contexto espacial escolhido evitando as imposições e pré-determinações para que se abrigue pessoas e possibilidades de maneira generosa e democrática; verificar a apropriação de materiais e tecnologias construtivas da região de atuação, assim como as suas características e condicionantes climáticos e ambientais como fundamento para os ensaios práticos; Verificar os gastos energéticos para a construção e a manutenção do edifício para a discussão da sustentabilidade na arquitetura. O centro de Aracaju foi escolhido por caracterizar-se como uma região de maior diversidade sociocultural, com dinâmicas ativas, próprias e muito evidentes na realidade local; pela sua diversidade de usos e atividades que compõem seus espaços que se transformam diariamente em função do tempo - dos horários - das solicitações e das idas e vindas das pessoas que os praticam. Sendo assim, o estudo será desenvolvido para um espaço que abrigue e hospede temporariamente a transitoriedade dessas pessoas e das ações que elas podem desenvolver

durante a sua passagem. Para a efetivação destes objetivos o trabalho toma como **estratégia metodológica** analisar e apreender, através dos procedimentos da Teoria da Deriva, os efeitos do ambiente urbano em que se atua no estado psíquico e emocional das pessoas que o praticam; utilizar os diagramas como ferramenta para o registro dessas análises e apreensões, assim como para os estudos práticos de arquitetura; revisão de literatura sobre as questões da sustentabilidade e da concepção arquitetônica na contemporaneidade; pesquisas de casos de arquiteturas que possam referenciar os ensaios práticos.

Este trabalho divide-se em três capítulos e já no primeiro discorre sobre a contemporaneidade na arquitetura e sobre a superação da ideia de tipo na concepção arquitetônica, tratando também sobre a sustentabilidade de uma forma geral e, de forma mais específica, na arquitetura. O segundo capítulo traz alguns casos de arquiteturas da transformação e do lugar, que servem como referência para o trabalho. Por fim, no terceiro capítulo, são apresentadas as análises e registros sobre as práticas e vivências do lugar (Centro de Aracaju) e os ensaios práticos da arquitetura do espaço de hospedagem que passa por todos os questionamentos, reunião de dados, análises e registros, até convergir em uma forma que contemple seu processo evolutivo, abrindo caminho para que se chegue ao objetivo geral do trabalho.

TIPOLOGIA NA ARQUITETURA: ECLOSÃO E CRISE, CRÍTICA E PÓS-CRÍTICA

A crescente necessidade de conciliação entre as instancias individuais e a aspiração à diversidade que a realidade vem impondo, junto à queda dos modelos ideais de sociedade, despontou a crise do movimento moderno, refutando sua posição incontestada de único referencial correto que estabelecia princípios formais lógicos e imutáveis, culminando na cultura contemporânea que contrapõe à pretensa unidade de linguagem modernista o reconhecimento da diversidade, do pluralismo, do multiculturalismo, do relativismo e da contingência inerentes às sociedades.

O conceito de tipo ou tipologia na arquitetura e urbanismo eclode nos séculos XVIII e XIX quando os teóricos e pesquisadores buscavam os tipos e modelos de projetos ideais. Para Jean-Nicolas-Luis Durand, tipo na arquitetura diz respeito não somente a estrutura e a forma arquitetônicas, mas também ao processo metodológico do projeto baseado na articulação de elementos e partes em planta e fachada. Já Quatremère de Quincy, estabelece uma diferença, que atualmente pode ser válida, entre “tipo” e “modelo”:

“Tipo é a ideia genérica, platônica, arquetípica, é a forma básica comum da arquitetura; ‘modelo’ é aquilo que é possível reproduzir, como um carimbo que possui uma serie de caracteres recorrentes.”
(Quatremère de Quincy, 1832 apud Montaner, 2012. P.92).

Na contemporaneidade o conceito de “tipos ideais”, que está na essência paradigmática da arquitetura moderna, advém de Max Weber e, segundo ele, configuram-se socialmente em abstrações ou construções racionais que funcionam como modelos de referência e artifícios historiográficos sujeitos a reformulações e mudanças quando se mostrarem inadequados ou antiquados.

A Villa Savoye, de Le Corbusier; o Pavilhão de Barcelona e a Villa Tugendhat, de Mies Van de Roe são obras emblemáticas da arquitetura moderna que demonstram a linha de raciocínio de comparação - em relação a normas e a um estilo internacional que estabelecem princípios formais como o predomínio da regularidade, o jogo dinâmico de planos, a ausência de decoração e a perfeição técnica - e medem, na sua condição de referência e tipo ideal, a perfeição e a beleza de outros exemplares.

Após a crise do movimento moderno, a Pós-Modernidade trouxe nas quatro últimas décadas do século XX uma nova metodologia arquitetônica que rompe com o rigor da abstração e das práticas modernistas, sem abandonar totalmente os seus princípios, mas baseando-se na

reinterpretação da história da arquitetura objetivando a recuperação da dimensão cultural e coletiva da mesma e defendendo a estrutura tradicional da cidade. Manfredo Tafuri caracterizou essa corrente como “crítica tipológica” que se diferencia do racionalismo modernista, mas que recorre à invariante formal por seu caráter historicista. Isto é evidenciado por Montaner através de uma comparação da cidade futurista de Ludwig Hilberseimer, 1928, que recolhe projetos de arranha-céus, navas, estações, pontes, fábricas e unidades residenciais; e a cidade de Aldo Rossi, de 1966, que trata essencialmente das cidades europeias dos séculos XVIII e XIX.

Posteriormente, Rafael Moneo faz uma abordagem a essa postura da crítica tipológica em seu artigo “Sobre Tipologia”, salientando o risco deste posicionamento transformar-se em excessivamente conservador, de visão fechada e estática, inclinando-se ao fundamentalismo. Para Moneo, “o tipo é a estrutura onde, em seu interior, opera-se a mudança, como término necessário para a dialética continua requerida pela história” (MONTANER, 2012). Moneo afirma que quando há mudanças estruturais e técnicas, de uso ou escala; quando diversos tipos se confundem para produzir outros novos; surgem novas tipologias e, sendo assim, o conceito de tipologia implica a ideia de mudança e transformação.

Por último, a crítica de Micha Bandini que manifesta em seu artigo “Tipologia como forma da convenção”, 1984, a pressão do mercado no consumo de ideias e formas na arquitetura provocando a perda do valor crítico e cultural de um conceito que requeria determinada exigência intelectual convertendo o tipo em puro formalismo, em uma nova convenção, tomado como instrumento teórico para justificar a produção da arquitetura e conclui que um conceito que tinha começado com uma alta carga política e cultural converteu-se em uma “teoria de nível inferior”.

“Por trás de muitas arquiteturas supostamente avançadas e futuristas existe, além de uma certa superficialidade, uma pretensa primazia do saber técnico-científico sobre o artístico-social. Nelas ainda domina a ideia impositiva de uma tecnologia que pretende ser autônoma e igual em qualquer lugar, quando cada sociedade é distinta da outra. Essas cidades genéricas de arranha-céus não são sustentáveis nem inteligentes, mas enclaves controlados; o que se pretende é homogeneizar: construir uma nova versão da sociedade da segurança e do controle.” (MONTANER, 2017. pág. 93)

Entende-se, portanto, que o “mundo mecanicista” continua impondo os seus critérios instrumentais sobre os humanos e culturais e, embora apresente-se com novas aparências, as desigualdades e os riscos de sociedades e cidades evoluírem cada vez mais insustentáveis aumentam. Projetos que correspondem a esse mundo não questionam o domínio do capital e do consumo que urbaniza o que resta de campo e natureza, que estimula um gasto de energia e água potável suicida e exige condições para uma mobilidade cada vez mais insustentável e desumanizadora.

Depois da crítica tipológica, MONTANER, 2017, discorre sobre os diagramas contemporâneos que, diferentemente dos diagramas funcionalistas modernos, representam uma ferramenta de superação ao esquematismo e ao rigor do racionalismo modernista e aos conceitos que a crítica tipológica pós-modernista propôs nas décadas de 1970 e 1980 que exigiam um historicismo porventura excessivos para tempos de mudança e experimentação. Passa-se, portanto, do conceito platônico dos tipos para a complexidade e dinamismo dos diagramas.

“Se o conceito de tipologia é baseado nas semelhanças, o de diagrama, mais adequado ao mundo contemporâneo, enfatiza as diferenças. A tipologia já está determinada; o diagrama é estratégico: precisa ser revelado, registrado e desenvolvido. A tipologia é retrospectiva; o diagrama é prospectivo; os diagramas são adequados para pensar abertamente o futuro e responder aos novos impulsos sociais.”
(MONTANER, 2017, pág. 12)